



TRANSLINGUAGEM: UMA ABORDAGEM DOS ESTUDOS EM CONTEXTO ESTRANGEIRO E BRASILEIRO E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Cibele Krause-Lemke (UNICENTRO/ PPGE/PPGL)

Resumo

Trata-se de um projeto de pesquisa¹ que teve por objetivo desenvolver um estudo comparativo entre o que se denominam práticas translíngues (GARCÍA & WEI, 2014) em contexto estrangeiro e no Brasil. A problemática investigada levou em conta discursos e práticas que vinculam o Brasil a uma realidade monolíngue e, com isso, induza-se um apagamento das realidades multilíngues existentes em território brasileiro. Em vista disso os principais objetivos foram: i) buscar fontes bibliográficas acerca do conceito de translanguagem e definir sua abrangência e foco e ii) investigar e analisar algumas práticas linguísticas em contexto formal de ensino. O método que conduziu a pesquisa está embasado em um modelo qualitativo conforme Denzin & Lincoln (2006). Para este trabalho, a pesquisa bibliográfica guiou o levantamento de referencial teórico acerca do conceito de translanguagem, tendo como eixo condutor de análise vertentes teóricas que aliam a compreensão da linguagem como construto social e cultural. Por meio desta pesquisa foi possível analisar como o conceito de translanguagem tem sido aplicado em trabalhos publicados em diferentes contextos, bem como construir argumentos em favor de processos de educação bi/multilíngue.

Palavras-chave: Translanguagem. Práticas linguísticas. Educação bilíngue.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas discussões acerca do conceito de translanguagem por meio da análise de artigos acadêmicos publicados acerca desta temática em contexto estrangeiro e brasileiro. Surge em decorrência de outros estudos realizados em contexto brasileiro, no qual discutimos práticas multilíngues na escola. Portanto, a problemática tratada origina-se em discursos e práticas que vinculam o Brasil a uma realidade monolíngue e, com isso, se trabalhe sistematicamente para o apagamento do multilinguismo existente em território

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq, conforme processo: 203032/2018-7



brasileiro. Várias foram as políticas implantadas para se inserir não só no imaginário brasileiro, mas também nas práticas cotidianas de linguagem, a noção de que o país é monolíngue, resquícios, portanto, das políticas de branqueamento e repressão linguística que imperaram no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas (1930 - 1945). No entanto, várias línguas sempre foram faladas em território nacional e, apesar de algumas terem sido extintas, outras permanecem (LEMKE, 2010).

Ao levar em conta esta realidade, ou seja, a caracterização monolíngue das políticas linguísticas, sobretudo as que são direcionadas às diretrizes de ensino, em contexto brasileiro, desde a minha pesquisa de doutorado, tenho analisado contextos, no sul do Brasil, que são predominantemente bi/multilíngues, nos quais há o uso de mais de uma língua nas práticas cotidianas, com foco, em especial, nos usos das línguas na escola – nas práticas de ensino e aprendizagem.

TRANSLINGUAGEM: CONCEITUAÇÃO E CRÍTICAS

O conceito de translinguagem, na atualidade, tem sido estudado na área da Sociolinguística, bem como na área da Linguística Aplicada e das Políticas Linguísticas. Williams (1994, apud GARCÍA & WEI, 2014), foi o primeiro pesquisador a cunhar o termo *Translanguaging*, referindo-se a uma prática pedagógica em que os alunos alternaram entre línguas (inglês e o Welsh) para fins de uso receptivo ou produtivo. Os alunos foram convidados a ler em inglês e escrever em galês e vice-versa. Trata-se de um processo de linguagem no qual duas ou mais pessoas são capazes de usar uma ou mais línguas em uma situação comunicativa, por meio de uma mistura de idiomas, sem desconsiderar nenhuma língua presente no grupo. Falantes bilíngues, com facilidade, misturam todas as línguas de acordo com a situação e suas necessidades. O termo *translinguagem* também remete a práticas pedagógicas que utilizam o bilinguismo como recurso possível. Neste sentido, o termo evoca uma concepção de língua não estrutural e fechada em si mesma, mas que valoriza e recupera os saberes dos falantes em suas práticas linguísticas e em prol da construção do conhecimento.

A translinguagem, concebida como um conceito para explicar o uso heteroglóssico das línguas, poderia remeter, ainda, às alternâncias linguísticas, tema bastante aprofundado na área da Sociolinguística. Porém, autores tais como Canagarajah (2013) e García & Wei (2014) ressaltam que o termo *translinguagem* não se confunde com *alternância linguística* (ou codeswitching), pois não significa somente mudar de uma língua para outra. Para esses autores, o conceito de codeswitching tem em sua raiz a concepção de que as línguas dos bilíngues são dois códigos monolíngues, muitas vezes com seus usos separados e demarcados. Advogam que



a translanguagem, por sua vez, não diz respeito apenas a uma mudança de uma língua para outra, mas, à construção de práticas discursivas inter-relacionadas e complexas, em que as línguas e conhecimento se constituem no processo interativo, não podendo, portanto, ser atribuídas e/ou encaixadas em uma definição tradicional de linguagem.

Os estudos na área de práticas translinguísticas estão mais bem desenvolvidos em contexto britânico e americano, tanto no que se refere a trabalhos científicos quanto a materiais pedagógicos que propõem um ensino baseado na articulação de uma ou mais línguas em contexto escolar. Podem-se citar as pesquisas de Creese & Blackledge (2010); Blommaert & Rampton (2011) e Blommaert (2014). Fora do eixo britânico, podemos citar os trabalhos de Canagarajah (2011 e 2013) e as pesquisas de García e sua equipe tais como García & Wei (2014), García (2018; 2019), García & Otheguy (2019), entre outros.

O trabalho de García & Wei (2014), por exemplo, explica as bases do conceito de translanguagem e suas implicações para a área da linguagem e do bilinguismo. Procura discutir como os entendimentos tradicionais da linguagem e do bilinguismo são transformados através da ótica da translanguagem e como este conceito altera os entendimentos tradicionais da educação. Neste sentido, focaliza os conceitos tradicionais de bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo, os quais, segundo os autores, foram estudados a partir de perspectivas monolíngues, para então analisar as visões mais dinâmicas desses fenômenos, argumentando que, para capturar essa complexidade, é necessário mais do que o termo linguagem. Propõem o conceito de translanguagem como uma forma de capturar práticas fluídas de linguagem dos bilíngues sem renunciar à construção social da linguagem e do bilinguismo sob o qual os falantes operam.

Lewis, Jones & Baker (2012), ao publicar seu artigo intitulado “*Translanguaging: developing its conceptualisation and contextualization*” enfocam a conceptualização da translanguagem, inclusive em relação a outros conceitos já definidos em relação ao uso flexível de línguas, tal como codeswitching, co-idioma e translanguagem e, depois, aos seus atributos pedagógicos e teóricos. Assim, em seu trabalho, problematizam alguns conceitos já bem delineados no campo do bilinguismo e os relacionam aos preceitos da translanguagem.

Para os autores, a introdução contemporânea do termo translanguagem levanta a questão de como se relaciona, revela diferenças ou avança significativamente em relação a outros termos similares usados no ensino de línguas. Assim, procuram elucidar a variedade de termos explorando-os em cinco vertentes, quais sejam: a) bilinguismo dinâmico e translanguagem; b) codeswitching e translanguagem; c) Tradução e Translanguagem; d) Co-linguagem e translanguagem; e) Continuum of



emergent scaffolding towards translanguaging (Continuum de andaimes emergentes em direção à translanguagem).

Ao apresentar a discussão de termos da linguística em relação ao viés da translanguagem, os autores questionam se todos se referem aos mesmos processos ou entre eles haveria alguma diferença. Neste sentido, os autores asseveram que

a translanguagem é um conceito é suficientemente diferente da troca de código e da tradução, por isso requer sua própria definição e uso em desenvolvimento. Não apenas possui funções diferentes da troca de código e da tradução, mas também o termo foi desenvolvido para envolver e situar-se sociolinguisticamente. Assim, a compreensão da tradução requer que tenha contexto e não apenas conteúdo, atividade cognitiva e cerebral e não apenas sobre código linguístico, bem como opere continuamente e não apenas nas salas de aula. No entanto, a tradução é um conceito educacional emergente, com explicação, pesquisa e contextualização principalmente na sala de aula. (LEWIS, JONES & BAKER, 2012, p. 667)².

Portanto, os autores defendem a perspectiva da translanguagem, ancorados nos trabalhos de García (2009 e outros). Para esses pesquisadores, a teoria pedagógica da translanguagem desafia a crença na separação de idiomas em um processo educacional bilíngue. É uma teoria que focaliza os processos bilíngues de aprendizagem em vez apenas centrar-se em resultados bilíngues. Além disso, citam o fator ideológico envolvido no conceito de translanguagem, pois seu desenvolvimento em salas de aula exige um movimento que vai desde a formação docente até o trabalho com a educação bilíngue nas salas de aula. Exige, por isso, uma abordagem multi e interdisciplinar.

Portanto, podemos observar que os autores concordam com os postulados de García e Wei (2014), quando argumentam que o codeswitching e a translanguagem são diferentes, pois, no caso do codeswitching, tomam como ponto de partida de gramáticas separadas para cada um dos idiomas e a translanguagem concentra-se nas práticas linguísticas usadas na comunicação bilíngue. Do mesmo modo, Cenoz (2017), tendo como base os estudos desenvolvidos por García e outros, defende que a translanguagem implica uma conceptualização holística do bilinguismo e multilinguismo e pode ser entendida como parte de um paradigma emergente no estudo do bi/multilinguismo e na área de aquisição de linguagem. Este paradigma,

² That translanguaging as a concept is sufficiently different from code-switching and translation to require its own developing definition and usage. Not only does it have different functions from code-switching and translation, but also the term has been developed to engage, be situated and sociolinguistic. Thus, understanding of translanguaging requires it to have context and not just content, cognitive and cerebral activity and not just about linguistic code, and operate continuously and not just in classrooms. However, translanguaging is an emergent educational concept with its explication, research, and contextualization being mainly in the classroom. (LEWIS, JONES & BAKER, 2012, p. 667).



portanto, implica em uma nova concepção sobre linguagem, de seus falantes e repertórios. Segundo ressalta a pesquisadora, as fronteiras entre os idiomas estão se tornando mais suaves e as especificidades do falante multilíngue são vistos como um recurso importante.

Por outro lado, em que pese todos os argumentos relacionados ao caráter transformar da translíngua, este conceito, considerado como prática ou como pedagogia também levanta algumas críticas no cenário acadêmico. A mais contundente das críticas vem do trabalho de Jaspers (2017), o qual declara que “a translíngua pode ser menos transformadora e crítica do que geralmente poderia sugerir” (2017, p.02). Em vista disso, destaca uma série de tensões que para ele envolvem o conceito de translíngua, sobretudo, em relação aos trabalhos realizados por García e sua equipe. Em primeiro lugar, o autor faz críticas à própria noção de translíngua, como sendo um conceito amplo, em suas palavras “uma casa terminológica com muitos quartos” (JASPERS, 2017, p. 03). Neste sentido, a amplitude de eixos que envolvem a translíngua, dificultaria a sua consolidação como um conceito. No mesmo viés, o artigo de Conteh (2018), ao tratar da definição do termo, afirma que existem questionamentos em relação à translíngua, tendo em vista a necessidade de um novo conceito quando os familiares já existentes, nomeados como troca de código e mistura de código, já fornecem uma estrutura com a qual entender o uso da linguagem multilíngue.

Outro elemento destacado por Jaspers (2017) refere-se à translíngua como um construto que se centra na ideia de desempenho e exclui os falantes “monolíngues”, ao se pautar apenas nos falantes bilíngues, já que a translíngua envolve “as múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se envolvem para entender seus mundos bilíngues (JASPERS, 2017, pg. 04 *apud* García e Li Wei 2014, 65)”. Ainda, segundo Jaspers, uma definição mais ampla, incluindo monolíngues, sugere que a translíngua envolve a implantação de todo o repertório linguístico de um falante, sem levar em consideração a observância atenta aos limites social e politicamente definidos das línguas nomeadas.

Em relação às suas afirmações, seria importante mencionar o trabalho Blackledge & Creese (2014), portanto, anterior ao artigo de Jaspers, os quais, por meio de suas pesquisas, manifestavam-se em relação a esta controversa questão a respeito de indivíduos monolíngues e bilíngues. Os autores argumentam que muitas vezes fazem-se falsas distinções entre os chamados indivíduos monolíngues, bilíngues e multilíngues, e sugerem que, em certo sentido, somos todos multilíngues, tendo à nossa disposição uma variedade de maneiras de usar a linguagem, mesmo que falemos apenas uma língua e escrevamos em uma “língua” específica.



Outra crítica está relacionada ao fato de alguns autores pontuarem a translinguagem como um potencial projeto de transformação política, pessoal e social, transformadora a ponto de mudar as subjetividades dos alunos, suas estruturas cognitivas e sociais, além de atribuir o fracasso escolar à incapacidade das escolas de validar essas subjetividades bilíngues. Para o autor, tratam-se de alegações bastante ambiciosas, pois

sugere-se que a translinguagem (como pedagogia e prática) resulte em novas subjetividades, devolva a voz, transforme estruturas cognitivas, aumente os níveis de bem-estar e de realização e, finalmente, transforme uma sociedade desigual em um mundo mais justo. Isso seria esperar muito sobre a introdução de práticas linguísticas específicas na escola, e é uma questão de honestidade intelectual indagar se podemos confiar nos efeitos previstos. (JASPERS, 2017, p.06)³

Além dessa crítica, Jaspers (2017) cita a questão da justiça social, ao conectar a translinguagem à agenda linguística dos direitos humanos, além de incentivar, pelas práticas translíngues, a instituição do uso da língua não padrão. Para Jaspers, o conceito de translinguagem se reveste de características camaleônicas, fato também criticado por Pavlenko (2017), sobretudo questionando a que agenda o conceito de translinguagem estaria servindo ao tentar reunir tantos atributos em um só termo.

Na sequência, sua crítica recai em torno ao papel dos professores ao se trabalhar em uma perspectiva de translinguagem. Tomando excertos dos trabalhos de García e Wei (2014, 122-123), os quais afirmam que todos os professores deveriam estar preparados para serem professores para trabalhar em uma perspectiva bilíngue ou da translinguagem e, por meio de suas práticas, desenvolver as línguas adicionais dos alunos enquanto os ensinam, Jaspers pergunta sobre como e porque os professores deveriam se adaptar a este projeto bem como qual seria o papel de alunos, colegas, diretores de escola em relação à instituição dessa forma de se trabalhar a língua nas escolas. Jaspers (2017) rebate seus questionamentos ao afirmar que há muito valor nesta perspectiva, ressaltando que a diversidade linguística nas aulas está mais sintonizada com valores democráticos, porém, para o autor, sobretudo no ensino superior, o processo de ensino segue uma dinâmica monolíngue e que em raras exceções seria empregado outro registro de língua a não ser o acadêmico.

³ The main focus in what follows, however, is on the transformative claims in translanguaging research. One reason for this is that these claims are quite ambitious. Translanguaging (as pedagogy and practice) is suggested to result in new subjectivities, to give back voice, transform cognitive structures, raise well-being and attainment levels, and eventually to transform an unequal society into a more just world. This is expecting a lot from the introduction of specific linguistic practices at school, and it is a matter of intellectual honesty to inquire if we can rely on the predicted effects. (JASPERS, 2017, p.06)³.



Neste sentido, o autor lança um debate em relação às dinâmicas do monolinguismo e do multilinguismo no ambiente acadêmico. Segundo sua perspectiva, “as práticas de translanguagem podem ser valiosas e amigáveis aos alunos” (pg. 10), porém elas podem ser menos importantes do que a capacidade de que os alunos se desenvolvam em registros acadêmicos com mais valor social. E neste sentido, lança duas perguntas: a primeira sobre como valorizar a diversidade linguística dos alunos sem perder de vista os registros socialmente monolíngues e a segunda, como fazer com que os alunos aprendam um registro coletivamente valorizado, sem sugerir que suas habilidades linguísticas individuais são menos importantes⁴. Segundo Jaspers, para resolver esses dilemas,

os professores, às vezes recorrem a estratégias improvisadas, promovendo a translanguagem durante o trabalho em grupo, por exemplo, mas desaprovam sua ocorrência em outros contextos (por escrito, no ensino superior) (Martínez, Hikida e Durán 2015); outros professores insistem explicitamente em uma política monolíngue, mas na prática reconhecem e até usam as variedades domésticas dos alunos (Jaspers, 2015). (JASPERS, 2017, p.10)⁵

O trabalho de Jaspers (2017) levanta essa série de questões que podem e devem ser consideradas ao se tratar do conceito de translanguagem, sobretudo, pela amplitude de elementos que envolvem o conceito. Porém, ao realizar uma detalhada pesquisa a respeito de trabalhos acadêmicos publicados tendo este viés conceitual, sua crítica parece apresentar-se de forma isolada.

Muitas outras pesquisas e trabalhos foram e continuam sendo publicados, fato que de certa forma mostra sua importância para descrever práticas híbridas de linguagem, sobretudo, em ambiente escolar (cf. CENOZ, 2017; GARCÍA, 2018; DUARTE, 2019). Deste modo, a translanguagem revela-se não só como um conceito que envolve a prática e o ensino de línguas, mas um campo de conhecimento na área da linguagem, já que problematiza a noção de língua, a noção de falante monolíngue e bilíngue, bem como o papel das línguas na escola e na formação docente.

Em vista do exposto, podemos considerar que os estudos na área da translanguagem, em que pese algumas críticas relacionadas à amplitude do termo, têm em comum a defesa por uma pedagogia multilíngue e que leve em conta as línguas presentes no entorno social, sobretudo, as línguas presentes no ambiente

⁴ “How do you valorize pupils’ linguistic diversity without losing sight of socially valued, monolingual, registers? Or, inversely, how do you make pupils learn a collectively valued register without implying that their individual linguistic skills are less important? (JASPERS, 2017, 10).

⁵ To resolve this teachers sometimes resort to makeshift strategies, promoting translanguaging during group-work, for example, but frowning upon its occurrence in other contexts (in writing, in higher education) (Martínez, Hikida, and Durán 2015); other teachers explicitly insist on a monolingual policy but in practice recognize and even use pupils’ home varieties [Jaspers, 2015]. (JASPERS, 2017, p. 10).



escolar. Ou seja, advogam que a escola deveria ser um espaço para o convívio entre as línguas e que o conhecimento de mais de uma língua não deveria ser empecilho para o processo de aprendizagem, mas sim um facilitador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os estudos analisados para este trabalho, o ensino pautado em uma pedagogia translíngue, em muito contribuiria para uma aprendizagem mais inclusiva e com mais possibilidades de acesso pleno ao conhecimento. Neste sentido, enfocamos o conceito de translíngue, como uma *pedagogia prática de linguagem*, a qual merece desenvolver estratégias de ensino e de formação docente que focalizem cenários multilíngues.

Nas comunidades onde já realizamos pesquisas, assim como em outras comunidades de imigrantes/fronteira, especialmente nas do estado do Paraná, o uso das línguas vem marcado pelo preconceito ou por sua ridicularização, tal como relatado por Wei (2018) na situação do “Chinglish”. Há menções corriqueiras acerca do falante com traços “rurais”, no caso de ser de região de imigração, ou ainda, a do “portunhol” ou “português mal falado”, no caso de ser habitante de uma região de fronteira.

Em vista disso, ressaltamos a necessidade de propostas tanto de teorias quanto de práticas que visem a ressignificar os usos das línguas. O conceito de translíngue nos lembra que a relação entre as línguas é hierarquizada, sobretudo em contextos em que há a coexistência de mais de uma língua. Neste sentido, advogamos que é pela língua que não só se dá o acesso ao conhecimento, mas também o desenvolvimento da identidade do falante e de sua inserção social.

Para finalizar, em relação às mudanças que podem ser implementadas, o principal fator é investir na formação docente. É sabido que a formação docente implica diretamente nas práticas pedagógicas. Ao se trabalhar e ao se propiciarem experiências educativas a partir do viés da translíngue como uma pedagogia de ensino de línguas, poderia haver avanços exponenciais ao serem facilitados processos interativos em sala de aula, por meio do reconhecimento da diversidade linguística, da intersubjetividade dos falantes e do próprio processo de ensinar. Por isso, o estudo e o desenvolvimento de pesquisas em torno deste conceito mostra-se de suma importância tanto para o seu aprofundamento quanto para estabelecer sua relação com a área das políticas e das práticas linguísticas e do ensino bi/multilíngue.



Agradecimentos

Pesquisa financiada pelo CNPq, conforme processo: 203032/2018-7

REFERÊNCIAS

Blackledge, A. and A. Creese. Heteroglossia as Practice and Pedagogy. In: A Blackledge and A Creese (eds). **Heteroglossia as Practice and Pedagogy**. New York: Springer, 1-20. 2014

BLOMMAERTJ. & RAMPTON, B. Language and superdiversity. **Diversities**, 13 (2), 1–22, 2011.

BLOMMAERT J. (2014). From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. **Tilburg Papers in Culture Studies**, 103. Tilburg, The Netherlands: Tilburg University.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, 2, 1–28. 2011

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations**. Abingdon, UK: Routledge. 2013

CENOZ, J. Translanguaging in School Contexts: International Perspectives, **Journal of Language, Identity & Education**, 16:4, 193-198. 2017. DOI: 10.1080/15348458.2017.1327816.

CREESE A., & BLACKLEDGE A. Translanguaging in the bilingual classroom: A pedagogy for learning and teaching. **Modern Language Journal**, 94, 103–115. 2010.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

DUARTE, J. Translanguaging in mainstream education: a sociocultural approach, **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, 22:2, 150-164. 2019. DOI: 10.1080/13670050.2016.1231774.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Wiley. 2009.

GARCÍA, O; WEI, L. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. Basinstoke, Hampshire: Palgrave Macmillian. 2014.



GARCÍA, O. Translanguaging, pedagogy and creativity. In: Erfurt, J., Corporal, E. & Weirich, A. (eds.). **Éducation plurilingue et pratiques langagières: Hommage à Christine Hélot**. Berlin: Peter Lang., pp.39-56. 2018.

GARCÍA, O. The Curvas of translanguaging. In: Zhongfeng, T. and Link H. (Eds.). Positive synergies. Translanguaging and critical theories in education. New York: John Benjamins. **Translation and Translanguaging in Multilingual Contexts**. 5(1), 86-93. 2019.

GARCÍA, O. & OTHEGUY, R. Plurilingualism and translanguaging: Commonalities and divergences. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**. DOI: 10.1080/13670050.2019.1598932. 2019.

JASPERS, J. The transformative limits of translanguaging. **Language & Communication**, 58. December, 2017. DOI: 10.1016/j.langcom. 2017.12.001. 2017.

LEMKE, C. K. **Políticas e práticas linguísticas**: um estudo sobre o ensino de língua espanhola em um contexto multilíngue no Paraná - Brasil. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.48.2010.tde-16122010-152622.

LEWIS, G. JONES, B. & BAKER, C. Translanguaging: developing its conceptualisation and contextualisation. **Educational Research and Evaluation**, 18:7, 655-670. 2012. DOI: 10.1080/13803611.2012.718490.

PAVLENKO, A. "Superdiversity and why it isn't". In: **Slogonizations in Language Education Discourse**, edited by S. Breidbach, L. Kuster and B. Schmenk (in press). Bristol: Multilingual Matters.2017.

WEI, L. Translanguaging as a Practical Theory of Language. **Applied Linguistics**. 39/1: 9–30. 2018. Doi:10.1093/applin/amx039.

WILLIAMS, C. Arfarniad o Ddulliau Dysgu ac Addysgu yng Nghyd-destun Addysg Uwchradd Ddwyieithog, [An evaluation of teaching and learning methods in the context of bilingual secondary education]. Unpublished doctoral thesis, University of Wales, Bangor. 1994.